

A questão do véu: reflexões sobre o feminismo em Persépolis

Isis Furtado Almeida¹

Resumo: Neste trabalho objetivamos refletir sobre o feminismo presente na *graphic novel* “Persépolis”, de Marjane Satrapi. Interessa-nos em específico analisar a imposição do uso do véu às mulheres, estabelecido pelo regime fundamentalista do islamismo, após a revolução de 1979 no Irã. O Governo Xiita restringe os direitos sociais das mulheres, desde as vestimentas até à maneira de se comportar. Elas são forçadas a seguir regras que são parte da construção de um novo sistema ao qual não estavam habituadas. O país se transforma aos poucos, foram distintas fases deste processo, a radicalização, a privação da liberdade, a censura e os conflitos internos ficaram cada dia mais presentes no cotidiano da população. A pesquisa foi realizada a partir do estudo da obra, tomando por base a visão da personagem principal, que conta sua história ao mesmo tempo em que narra, sob seu ponto de vista, as transformações sofridas na sociedade, ressaltando o feminismo presente no seu posicionamento político e ideológico, que ao longo de sua autobiografia contribui para a reflexão e construção do papel feminino dentro do Irã. Assim sendo, esperamos compreender mais as implicações sofridas pela mulher após a obrigatoriedade do véu islâmico, e toda proibição e determinação que este representa.

Palavras-chave: Feminismo; Islamismo; Persépolis.

The question of the veil: reflections on feminism in Persepolis

Abstract: In this Paper we intend to reflect on the feminism present in the graphic novel "Persépolis", by Marjane Satrapi. We are particularly interested in analyzing the imposition of the veil on women, established by the fundamentalist regime of Islam, after the 1979 revolution in Iran. The Shi'ite government restricts women's social rights, from the clothes they wear to the way they behave. They are forced to follow rules that are part of the construction of a new system to which they were not accustomed. The country gradually transformed, there were different phases of this process, radicalization, deprivation of liberty, censorship and internal conflicts became more and more present in the daily lives of the population. The research was based on the study of the novel, taking by reference the vision of the main character, which tells her story while narrating, from her point of view, the transformations suffered in society, highlighting the feminism present in her political and ideological positions, which throughout her autobiography contributes to the reflection and construction of the feminine role in Iran. This way, we hope to understand more the implications suffered by women after the mandatory Islamic veil, and all prohibition and determination that it represents.

Keywords: Feminism; Islamism; Persepolis.

Artigo recebido em 05/07/2018 e aprovado em 15/07/2018.

Introdução

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

Neste trabalho, foi realizada uma análise da história em quadrinhos *Persépolis*, uma autobiografia da autora Marjane Satrapi, que sob seu ponto de vista, apresenta a revolução ocorrida no Irã em 1979, e como esta influenciou em sua vida. A narrativa, apresenta as mudanças ocorridas na sociedade iraniana após a queda do Regime do xá e instauração de um novo regime, que tinha a religião como alicerce. Uma das mudanças que é dado destaque na *gráfic novel*, é a obrigação do uso do véu (*Hijab*) pelas mulheres, ato este não comum para uma parte delas, que não tinham esta vestimenta como algo comum ao seu cotidiano.

O leitor é colocado desde o início dentro do universo da autora, ou seja, nos primeiros anos de sua infância, antes da Revolução Iraniana ou Islâmica, e após esta ocorrer e estabelecer uma nova tradição baseada no Islã. A perspectiva da protagonista é mostrada quadro a quadro, contando a história de uma criança que está adquirindo os seus traços de personalidade até a sua vida adulta, ao deixar o seu país para ir morar na Europa.

Persépolis é uma narração sobre uma jovem e suas relações pessoais com familiares, colegas de escola, amigos e relacionamentos amorosos. Não é dado destaque à figura de governantes ou líderes religiosos, como por exemplo, o xiita Khomeini^{II}. O centro da história é a protagonista e suas experiências ao longo de sua puerícia, adolescência e parte da vida adulta. É possível verificar as transformações da sociedade à medida que a narrativa vai sendo contada e ilustrada, apresentando cada situação sob o ponto de vista de Marjane. Além disto, destaca-se o posicionamento dela diante de cada mudança que esta sofre, seja um novo período de sua vida ou o que vai sendo imposto à população com a instauração de um novo regime.

O artigo foi dividido, para melhor análise da obra e demais elementos, em cinco partes, e explanará sobre o contexto histórico em que a narrativa está contida, o feminismo islâmico, sendo algumas atitudes da protagonista aqui consideradas como exemplos de posicionamentos que transmitem princípios deste movimento, mesmo que ela o faça sem ao menos conhecer estes, e em seguida a análise das diferentes visões acerca do uso do véu pelas mulheres, são elas: Visão religiosa (Estado), masculina, feminina, familiar e o da protagonista.

1. A Revolução Iraniana: Breves considerações.

Em 1978, as ruas das principais cidades do Irã são tomadas por uma intensa onda de manifestações populares. As TVs do mundo transmitiam a persistente população reclamar e pedir um basta à monarquia do Xá. As tropas imperiais agiram contra a multidão, que eram massacrados às dúzias, mas não desistiam do seu objetivo: acabar com a Dinastia Pahlevi^{III}.

Em Outubro de 1925, o então ministro da Guerra Reza Khan, deu o golpe militar no atual governo, e instaurou uma ditadura. O Parlamento foi obrigado a nomeá-lo xá (monarca) da Pérsia, e fundou uma nova dinastia, que denominou de Pahlevi. O Governo de Reza reprimiu a religião e estimulou o culto à sua personalidade. Os castigos públicos eram utilizados para que sua vontade fosse aplicada através do terror. Além disto, tomou medidas para diminuir a influência estrangeira no país, investiu na construção civil, e em 1935 mudou o nome do país de Pérsia, para Irã^{IV}.

O Irã declarou-se neutro durante a Segunda Guerra Mundial, mas em 1941 foi invadido por tropas da União Soviética e Grã-Bretanha, interessados em proteger suas

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

fontes de abastecimento de petróleo advindas deste país. O xá Reza Khan, abdica em favor de seu filho Mohammed Reza, e foge do país. O novo monarca inicia uma série de medidas de modernização da nação iraniana, com o objetivo de transformá-la em uma potência mundial. As reformas não contemplavam a maioria da população, que sofria com problemas básicos de assistência à saúde, educação, moradia, além de péssimas condições no ambiente de trabalho e longas jornadas enfrentadas em seus empregos.

No Irã, enquanto os britânicos enriqueciam, o país permanecia cada vez mais desigual socialmente. Na refinaria de Abadan, o salário era de 50 centavos por dia, sem direito a férias remuneradas, licença por doença ou indenização por invalidez. As condições de vida era extremamente insalubres, não havia água encanada nem eletricidade. No inverno, as chuvas causavam alagamentos e moscas infestavam os vilarejos. No verão, o teto dos barracos, feito de barris de petróleo enferrujados, sufocava os moradores, enquanto os administradores da Anglo-Iranian viviam em enormes casas com ar-condicionado, piscina e belos jardins^V.

Em contra partida, o xá e sua família, além de líderes do governo, esbanjam dinheiro em festas, como a comemoração dos 2500 anos da fundação do Império Persa, em que foi realizado um banquete e três dias de comemoração, e que custou US\$ 300 milhões. Enquanto isto muitos nem tinham o que comer, sofriam com as desigualdades de rendas, a violenta repressão do governo e a constante corrupção do governo.^{VI}

Com o passar do tempo, a política excludente que só beneficiava a elite iraniana foi causando intensas contestações populares e greves em várias cidades. Os religiosos foram utilizando estas manifestações do povo para também difundir ideais religiosos do islamismo e criticar a influência estrangeira (Europa e Estados Unidos da América) nos costumes iranianos. O xá foi acusado de inimigo do Islã, pois tomou medidas para diminuir a influência desse no governo.

Ao mesmo tempo, um movimento passou a se organizar nas mesquitas, mediante sermões que denunciavam a maldade do ocidente e dos valores ocidentais. O choque entre uma crescente população jovem e um regime que não oferecia nem os avanços de um Estado moderno, nem a estabilidade de uma sociedade tradicional criou as condições para uma revolução. A população mais pobre do país tendia a ser o segmento mais religioso e o menos ocidentalizado. Os pobres viviam predominantemente no campo, ou habitavam favelas das grandes cidades, especialmente em Teerã^{VII}.

As manifestações populares foram ficando cada vez mais intensas, os embates entre o povo e a polícia do governo (SAVAK) foram incessantes. Diante da exaltação e euforia revolucionária, o clero, único grupo organizado e que tinha o maior apoio da população, assume a liderança, passando assim a administrar a revolução. Khomeini, líder religioso, aclamava pelo fim da monarquia do xá, e com a imprensa e a SAVAK dissolvidas, diante da cólera popular, as greves contínuas e conflitos urbanos, o xá abandona o Irã em 16 de janeiro de 1979, sendo este ato considerado a sua abdicação^{VIII}:

Quinze dias depois, o aitolá Khomeini chegava à sua pátria, ovacionado por milhões de iranianos. Iniciava-se, então, um novo regime político, singular, paradoxal, de índole teocrática, monitorado por clérigos, a maioria radicais^{IX}.

2. Marjane Satrapi e o Feminismo Islâmico

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

O significado do véu islâmico pode parecer confuso pra as pessoas do ocidente que não estão acostumadas a usarem este tipo de vestimenta ou a ver em seu cotidiano pessoas fazendo o seu uso. O *hijab* é um símbolo que representa a religiosidade e identidade de um determinado grupo social.

Sendo o feminismo o movimento e um conjunto de teorias que têm como objetivo a libertação da mulher e a luta pela superação da hierarquia que causa as diferenças entre os gêneros^x, devemos pensar neste conceito como adaptável às diferentes sociedade e suas características, pois pra abranger o que vem a ser os conceitos de liberdade e igualdade pra a mulher francesa, por exemplo, podem não ser os mesmos pra uma iraniana islâmica. Por isto, vamos tomar como referência neste trabalho, o conceito de feminismo islâmico.

O feminismo islâmico é um movimento que se autodefine por objetivar a recuperação da ideia de *ummah* (comunidade muçulmana) como um espaço compartilhado entre homens e mulheres. Para isto, utiliza a metodologia de releitura das escrituras do Islã por meio das práticas de *ijtihad* (livre interpretação das fontes religiosas) e da formulação analítico-discursiva de busca pela justiça e pela emancipação das mulheres, que seriam expostas nas releituras dos textos sagrados numa perspectiva feminista. A espinha dorsal dessa metodologia é a prática do *tafsir* (comentários sobre o Alcorão). Além do Alcorão, também são objetos de releituras os *ahadith* (dizeres e ações do profeta Muhammad) e *fiqh* (jurisprudência islâmica)^{x1}.

Percebemos então, que a luta é pela libertação da mulher, neste caso, o uso ou não do véu deveria ser uma escolha dela, e não uma imposição. Durante a Dinastia Pahlevi, houve a proibição da utilização desta vestimenta, era um projeto “laico” do Estado, mas fez com que muitas mulheres ficassem confinadas dentro de suas residências, pois estavam desacostumadas com esta situação^{x11}. Ou seja, impor o uso do véu, ou proibir de usá-lo são ambos atos violentos e impositivos, e retiram o poder de escolha da mulher pelo qual o movimento feminista luta pra conquistar.

No início da narrativa de Persépolis, Marjane demonstra o quanto a obrigatoriedade do uso do véu foi confuso para ela e para outras meninas, a situação pode ser vista na figura abaixo:

Figura 1

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

É apresentado ao leitor, desde o início, a situação que irá se repetir ao longo da narrativa: a não adequação da personagem ao novo regime que se instaurou em seu país. A Shariah^{xiii} (Direito Islâmico), ou a interpretação desta, começa a ser utilizada como base para as leis do país. Marjane representa o posicionamento de uma mulher que luta pra impor, dentro de suas possibilidades, suas vontades e preferências, mesmo que o regime a force a fazer isto de forma transgressora, no caso de existir alguma lei proibindo determinados atos, como a utilização de roupas de marcas que não fossem iranianas ou escutar bandas de músicas que eram dos EUA ou Europa.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

Figura 2



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Este tipo de posicionamento de Marjane, que veremos mais adiante a influência da família na construção de sua personalidade crítica, a colocou em situação de risco diante das chamadas “Guardiãs da Revolução”, que faziam rondas para censurar aquelas que não estavam seguindo os deveres da mulher muçulmana.

Figura 3

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

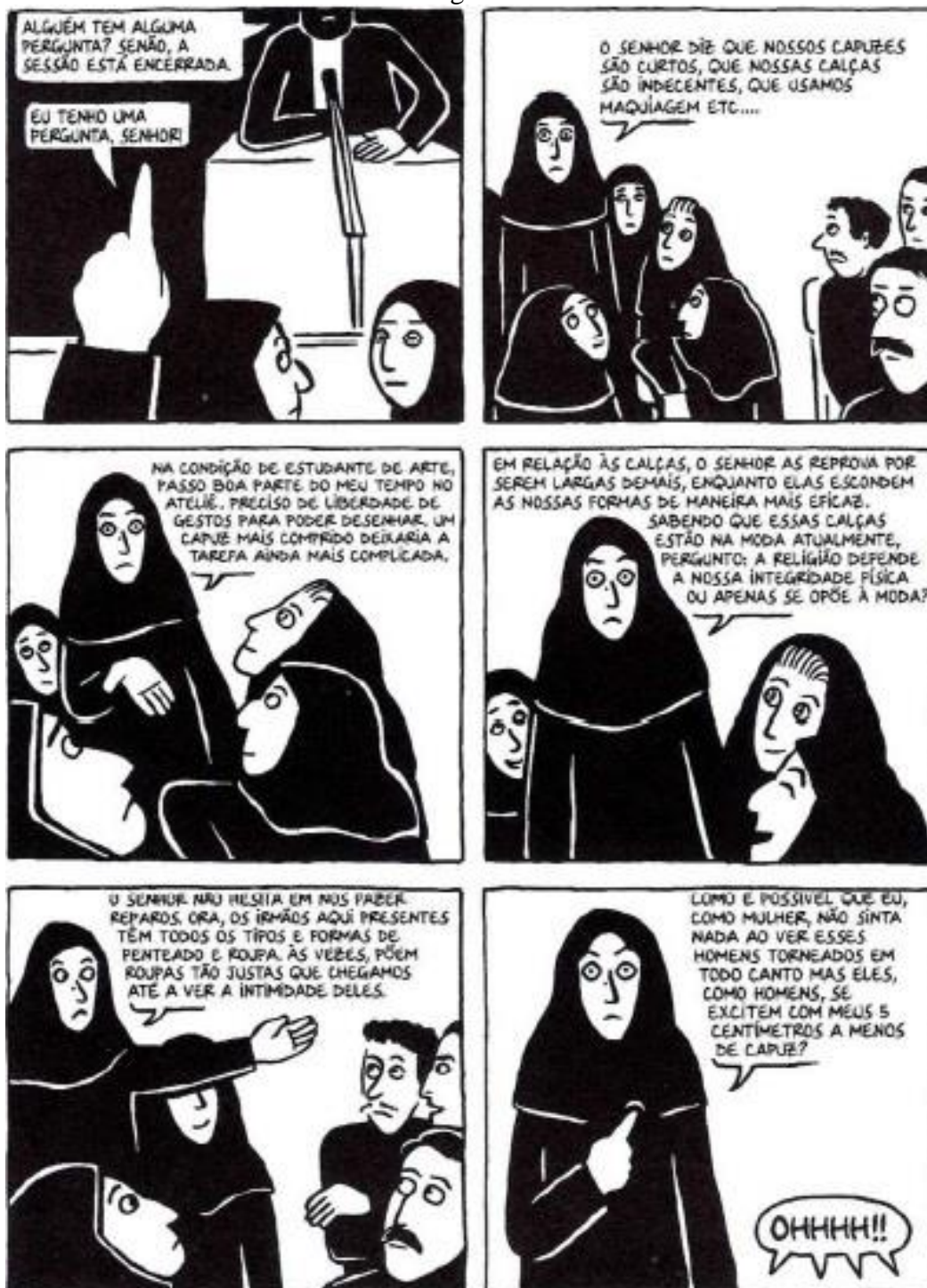


SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Diversas foram as situações e dificuldades que Marjane encontrou em seu dia-a-dia. Nas ruas ou na escola, a personagem principal vivia momentos em que iam de encontro muitas vezes ao que essa seguia ou acreditava. O feminismo, como já dito neste texto, tem em seus fundamentos a luta da mulher por sua liberdade de escolha e a igualdade de direito entre os gêneros, ao questionar o reitor da universidade (sequência de imagens abaixo), a protagonista representa aqui o feminismo dentro do regime islâmico em que vivia.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

Figura 4



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

3. Feminismo e tradição familiar.

O ambiente familiar de Marjane era antagônico à realidade que esta encontrava nas ruas. Ela frisa em momentos da sua narrativa que encontrou em casa um lugar “moderno e avançado”, onde ela teve liberdade de ler sobre Marxismo, Fidel Castro, e até mesmo sonhar com a possibilidade de ser uma profeta, cargo este apenas destinados aos homens. Para ela, este confronto entre as duas realidades a deixou confusa sobre a obrigatoriedade do uso do véu e dificultou a sua aceitação, pois não era tradição de sua família a utilização da vestimenta.

Figura 5



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

Os pais de Marjane participaram das manifestações que derrubaram o Regime do xá. Era comum a participação dela em conversas sobre política e a situação do país. Ela desde cedo foi estimulada a ler livros que despertaram seu senso crítico, e a colocou dentro do universo da luta pelos direitos sociais. Não ficar à margem da situação apenas aceitando tudo que era estabelecido pelo regime Islâmico, contestando as diferentes situações pelas quais passava em seu dia a dia.

Figura 6



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

Figura 7



Na gravura acima, percebe-se o choque entre os dois universos de Marjane, ao declarar a sua vontade de assumir um cargo destinado apenas aos homens, a personagem passa pela zombaria dos colegas e a notável preocupação da professora acerca da sua escolha. No segundo momento, os pais são chamados e mostram a indignação pela censura sofrida pela filha. A liberdade dada em casa em confronto com a coerção social encontrada na sociedade em que a protagonista vive.

4. Visão Feminina x Visão Masculina

O uso do véu pelas mulheres islâmicas é, entre outros motivos, uma preocupação para que ela não seja observada por outros homens que não seja seu marido ou familiares. Espera-se que isto seja respeitado pelo público masculino, o véu pode ser uma delimitação do que pode ou não ser tocado, observado e desejado.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

(...) O *hijab* apresenta três dimensões: a primeira é visual, ocultar algo da visão. A origem do verbo árabe *hajaba* é a mesma que a do verbo *to hide*. A segunda dimensão é espacial, para separar, marcar a diferença, definir a entrada, o acesso. A terceira dimensão refere-se à ética, à moral, diz respeito ao campo do proibido(...) O véu determina uma fronteira de proteção. Podemos pensar o véu como fronteira simbólica que separa o que deve e o que não deve ser visto^{XIV}.

Em Persépolis são mostrados momentos em que as mulheres passam por situações de violência verbal, sendo repreendidas por causa de suas condutas ou vestimentas. A culpa recai sobre as mulheres, o homem que observa não sofre as consequências de igual forma. Existiam as punições para os homens, isto não deixa de ser citado, mas a autora deixa claro uma maior cobrança sobre as mulheres, como no trecho abaixo,

Figura 8



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

A narradora deixa em destaque os limites que eram dados à mulher no Irã sob o regime islâmico. O tipo de vestimenta utilizada por homens e mulheres seguiam um código estabelecido pelo Estado, tanto homens como mulheres tinham determinadas regras a seguir. Porém, é dado ênfase ao comportamento feminino, como exemplo,

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

Marjane conta um momento vivido por ela na universidade em que o diretor durante seu discurso enfatiza o respeito às regras que as mulheres devem ter, e isto ocorreu dentro de um ambiente onde tinham ambos os gêneros, e mais uma vez, ao público feminino, foi dado uma ênfase maior quanto ao cumprimento do que era estabelecido dentro da “conduta e moral religiosa”.

Figura 9



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Importante observar que mesmo com a obrigatoriedade do uso de determinados tipos de roupa e a proibição de certos itens, como maquiagem por exemplo, a protagonista apresenta que por baixo da censura imposta pelas roupas existiam mulheres com personalidades e estilos diferentes. Estar no espaço público exige-se que seja seguido um padrão, no particular, seja em suas casas ou de pessoas próximas, há uma variedade de estilos e gostos entre as pessoas, detalhes que o código de vestimentas faz com que não sejam expostos, mas não é suficiente para que a individualidade deixe de existir.

Figura 10



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

5. Estado Islâmico e o uso do véu: perspectivas feminista das fontes religiosas.

O Irã apresentado em Persépolis vive em um regime em que a religião é utilizada como discurso legitimador do poder do Estado assumido por líderes religiosos, que também incentivavam o combate ao imperialismo ocidental, e defendiam a ideia de uma organização social e política baseadas nos ensinamentos encontrados no Alcorão. Este texto religioso, que faz o uso de metáforas, pode ter diferentes interpretações, inclusive no que diz respeito ao direito da mulher e à sua posição na sociedade^{xv}.

Figura 11



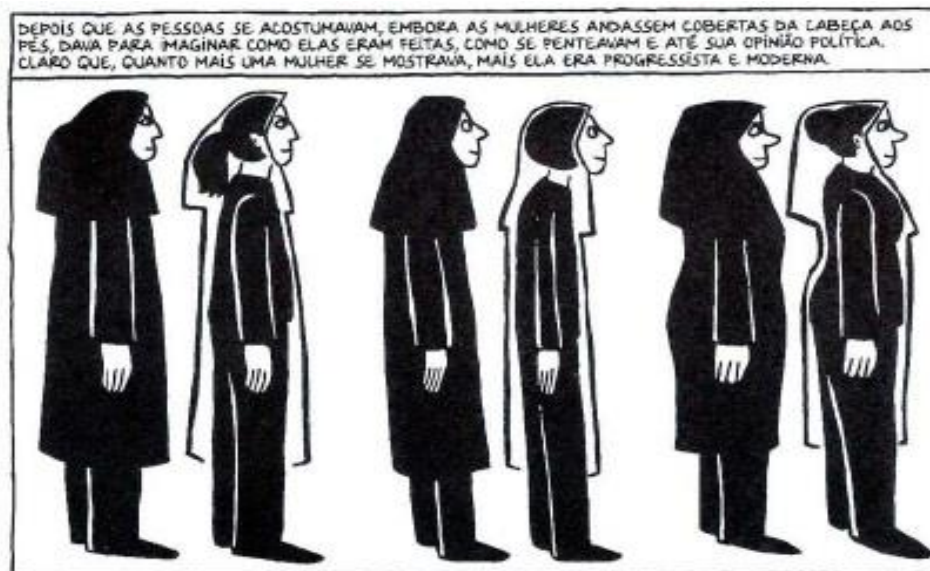
SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

No momento acima, Marjane Satrapi conversa com um religioso, funcionário da universidade e também representante do Estado, é dito à protagonista o motivo do uso do véu, não como algo criado pelos homens, e sim por Deus. É um discurso legitimador justificado pelo poder que tem a figura de um ser dito superior aos humanos, como se este motivo fosse suficiente para não haver questionamentos. É dito pelos mulçumanos que cabe a mulher escolher ou não usar o véu, sabendo ela que se trata de uma determinação religiosa, portanto, caso não seja cumprida, ela responderá no juízo final^{XVI}.

Durante a narrativa, não são mostradas situações que apresentem uma liberdade de escolha feminina quanto à sua vestimenta, e quando são vistas não fazendo o uso correto, são repreendidas. Na verdade, a maneira de usar o véu era uma forma de se identificar socialmente, ou de se rebelar contra o código de roupas estabelecido pelo Estado.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS ISIS FURTADO ALMEIDA

Figura 12



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Percebemos durante a trama que a interpretação do Alcorão pelo regime islâmico, foi de característica patriarcal e nacionalista, ou seja, as regras societárias e familiares eram ditadas pelo homem, que assume o papel de símbolo real da relação entre Deus e os seres humanos. O sexo biológico é colocado como o gênero politizado, enquanto a mulher é tratada de maneira diferente, desigual. Portanto, para leis tão rígidas, pequenos detalhes, por discretos que fossem, era uma maneira de demonstração de subversão ao sistema.

Figura 13



SATRAPI, Marjane. Persépolis. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS ISIS FURTADO ALMEIDA

Os questionamentos que o feminismo islâmico fazem ao Alcorão advém da divisão da sociedade e da família baseada na Biologia. Na verdade, é possível ler os textos e fazer diferentes interpretações, muitas delas tem por base a própria cultura de quem lê, além do ambiente social também contribuir para a construção de determinadas ideias retiradas das escrituras. Pode haver então, como apresentado em Persépolis, regras e leis que são justificadas pelo Estado por estarem presentes no referido livro religioso, mas na verdade foram construídas para edificar o poder dos líderes religiosos que assumiram o poder após a Revolução de 1979 no Irã ^{XVII}.

(...) Por exemplo, os seguintes versos, que sugerem igualdade, segundo elas (feministas islâmicas), são frequentemente esquecidos:

- a) Sura 49, aya 13 – al-Hujura: Oh, humanidade! Nós criamos vós de um único par de um masculino e feminino, e feito vós em tribos e nações que vós podeis conhecer um ao outro (não que vós podeis desprezar um ao outro) O mais Honrado de vós diante de Deus é o mais justo de vós (aquele que pratica o mais taqwa – consciência de Deus ou piedade)
- b) Sura 9, aya 71 – al-Tawbah: “Os crentes, masculinos e femininos, são protetores (awliyya) uns dos outros.”^{XVIII} (LIMA, 2014)

Portanto, há diferença entre a xaria, que é o direito islâmico, e tem sua origem na revelação divina, e a jurisprudência islâmica (*fiqh*), este sendo fruto da interpretação humana e fundamentado na xaria. As feministas islâmicas afirmam que é possível fazer uma releitura do Alcorão e não atribuir a este posicionamentos misóginos que constroem leis patriarcais, evitando assim, práticas igualitárias do Islã. ^{XIX}

Considerações finais

O artigo apresentou algumas reflexões em torno do uso obrigatório do véu pelas mulheres iranianas após a Revolução que ocorreu no país em 1979. Não foi apresentado todas as problemáticas possíveis, mas sob a luz de alguns posicionamentos do feminismo islâmico foi possível entender a posição da protagonista diante da nova realidade que tivera que enfrentar, além do contraste entre as duas realidades dela, uma pública repressora, e uma particular (casa) liberal.

A obrigação de usar o véu não inibiu as mulheres de desenvolverem pensamentos críticos e da forma discreta que podiam, demonstrar algum tipo de rebeldia contra o sistema político islâmico instaurado. Atitudes da própria Marjane, ou mulheres que esta observou nos diferentes ambientes que frequentou ilustra bem este ponto. Importante dizer que o uso do véu tem uma carga étnica, religiosa e de identificação de um grupo, o questionamento de Marjane Satrapi durante a narração não foi o uso em si, mas o fato de ter a obrigação de usar, seja por quem era a favor ou contra tal ato. E apesar de toda repressão existente na sociedade iraniana vivida por ela, seu empoderamento e discurso feminista não deixaram de se sobressair ante o véu da censura que era imposto pelas novas leis e regimentos religiosos ditados pelo Estado.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS

ISIS FURTADO ALMEIDA

^I Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: isis.furtado@yahoo.com.br

^{II} Ruhollah Khomeini (1900-1989) foi o aiatolá xiita iraniano líder espiritual e político da revolução iraniana. É considerado o fundador do atual estado “islâmico” iraniano, e governou o Irã desde a deposição do Xá até sua morte em 1989. Cf. COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p.46.

^{III} COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p.17.

^{IV} Ibidem, p.34

^V Ibidem, p.38

^{VI} Ibidem, p.62

^{VII} Ibidem, p.64

^{VIII} AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012, p.400.

^{IX} Idem

^X ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo :Brasiliense, 1985

^{XI} LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, nº02, 2014, p. 681. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36557/28549>. Acesso em 08 de março de 2018.

^{XII} COGGIOLA, Op. Cit, p.42

^{XIII} “A *Shariah* trata-se da lei estipulada por Deus aos homens que regula a relação do homem com Seu Criador, a relação dos seres humanos entre si e a relação dos indivíduos com a criação, trazendo o roteiro da busca da felicidade e da justiça plena nas relações do homem com tudo a sua volta. Toda a normatização desse direito, parte do livro sagrado islâmico que é o Alcorão e dos ensinamentos do Profeta e Mensageiro de Deus Muhamad Ibn Abdullah, sendo estas fontes imutáveis e eternas, preservadas há quinze séculos” Cf. HANINI, Zuhra Mohd El. **Noções de Direito Islâmico (Shariah)**, 2007.

^{XIV} FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Diálogos sobre o uso do véu (Hijab).In: **Empoderamento, Identidade e Religiosidade** v. 43, p. 183-198, São Paulo: Editora Perspectiva, janeiro/junho de 2013.

^{XV} MARRA, Laisa. Tradição e Transgressão em Persépolis, de Marjane Satrapi. In: **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**. v. 10, n. 1, janeiro/junho, Porto Alegre: 2014.

^{XVI} FERREIRA. Op Cit.

^{XVII} LIMA, Op. Cit.

^{XVIII} Idem

^{XIX} Idem

Fonte

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Referências

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CARDEIRA DA SILVA, Maria. **As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islã**. Cadernos Pagu, v. 30, p. 137-159, 2008.

A QUESTÃO DO VÉU: REFLEXÕES SOBRE O FEMINISMO EM PERSÉPOLIS
ISIS FURTADO ALMEIDA

COGGIOLA, Osvaldo. **A Revolução Iraniana**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DE FRANCO, Clarissa. **Feminismo Islâmico face ao feminismo secular: Uma nova Consciência de gênero de um oriente que rejeita a ocidentalização**. Revista Último Andar, n. 27, 2016.

HANINI, Zuhra Mohd El. **Noções de Direito Islâmico (Shariah)**. 2007.

FERREIRA, Francirosy Campos B. **Diálogos sobre o uso do véu (Hijab): Empoderamento, identidade e religiosidade**. v. 43, p. 183-198, São Paulo: Editora Perspectiva, janeiro/junho de 2013.

LIMA, Cila. **Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico**. In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 22, nº02, 2014. p. 675-686. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36557/28549>. Acesso em 08 de março de 2018.

MARRA, Laisa. **Tradição e transgressão em Persépolis, de Marjane Satrapi**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. v. 10, n. 1, janeiro/junho, Porto Alegre: 2014.

ZANONI, David Anderson. **Do xá ao Aitolá: As representações sobre a Revolução Iraniana através da Revista Veja (1978-1979)**. PPGH-UPF: 2013.